

Charles Martin



*Depois  
daquela  
montanha*





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Charles Martin



*Depois  
daquela  
montanha*



ARQUEIRO

Para Chris Ferebee

## PRELÚDIO

Oi...

*Não sei bem que horas são. Este treco deve registrar. Acordei faz uns minutos. Ainda está escuro. Não sei quanto tempo fiquei apagado.*

*A neve entra pelo para-brisa. Está congelada no meu rosto. É difícil piscar. Parece tinta seca nas minhas bochechas. Só não tem é gosto de tinta seca.*

*Estou tremendo de frio... e é como se houvesse alguém sentado no meu peito. Não consigo respirar. Talvez tenha quebrado duas ou três costelas. Talvez esteja com pneumotórax.*

*O vento aqui em cima é contínuo, faz força contra a cauda da fuselagem... ou o que restou dela. Alguma coisa acima de mim, talvez um galho, está batendo no vidro. O som é de unhas arranhando um quadro-negro. E entra mais frio pelas minhas costas. Onde ficava a cauda do avião.*

*Sinto cheiro de gasolina. Acho que as duas asas ainda estavam bem cheias de combustível.*

*Tenho a sensação de que vou vomitar.*

*Seguro a mão de alguém. Os dedos são frios e cheios de calos. Há uma aliança, afinada nas bordas. É o Grover. Ele morreu antes de batermos na copa das árvores. Nunca entendi como pousou este troço sem me matar também.*

*Quando levantamos voo, a temperatura no solo estava entre -13°C e -17°C. Não sei qual é agora. Parece mais frio. Devemos estar a uns 3.500 metros. Mais ou menos. Não podemos ter caído mais de 150 metros quando Grover inclinou a asa. O painel de controle está apagado. Coberto de branco, feito poeira. A intervalos de minutos, o GPS pisca, depois torna a apagar.*

*Tinha um cachorro por aqui, em algum lugar. Todo dentes e músculos. Pelagem bem curta. Mais ou menos do tamanho de um forquinho elétrico. Faz uns gorgolejos zangados ao respirar. Parece doidão, como que cheio de metanfetamina. Espere...*

*Ei, cachorrinho... Espere aí... não. Aí não. Tudo bem, pode lambar, mas não pule. Como é seu nome? Você está com medo? É... eu também.*

*Não consigo lembrar o nome dele.*

*Voltei... será que demorei muito? Tem um cachorro aqui. Enfurnado entre o meu casaco e a minha axila.*

*Já falei dele? Não consigo lembrar como se chama.*

*Ele está tiritando, com a pele em volta dos olhos tremendo. Toda vez que o vento uiva, ele pula e rosna.*

*Minha memória está confusa. Grover e eu conversávamos, ele estava pilotando, talvez fazendo uma curva para a direita, o painel piscava com uma porção de luzes azuis e verdes, um tapete negro se estendia abaixo de nós, nem uma única lâmpada acesa num raio de uns 100 quilômetros, e... havia uma mulher. Que estava tentando voltar para o noivo e para o jantar da véspera do casamento. Vou procurá-la.*

*Achei-a. Inconsciente. Pulso acelerado. Olhos fechados pelo edema. Pupilas dilatadas. Deve ser concussão. Várias lacerações pelo rosto. Algumas vão precisar de pontos. Ombro direito deslocado e fêmur esquerdo fraturado. Não rompeu a pele, mas a perna forma um ângulo virado para fora e a calça parece justa. Preciso pôr no lugar... assim que recobrar o fôlego.*

*Está esfriando mais. Acho que a tempestade finalmente nos pegou. Se eu não nos embrulhar em alguma coisa, vamos morrer congelados antes do amanhecer. Terei que imobilizar aquela perna de manhã.*

*Rachel... não sei quanto tempo nos resta, não sei se vamos conseguir... mas... retiro tudo o que disse. Eu estava errado. Estava com raiva. Não devia ter dito aquilo. Você estava pensando em nós. Não em você. Agora eu percebo.*

*Você estava certa. Certa o tempo todo. Sempre há esperança.*

*Sempre.*

## CAPÍTULO 1

### Aeroporto de Salt Lake City Doze horas antes

ERA UMA VISÃO feia. Cinzenta, lúgubre, janeiro arrastando-se. Na tela da TV atrás de mim, um sujeito sentado num estúdio em Nova York usou as palavras “fechados para pouso e decolagem”. Encostei a testa no vidro. Na pista, homens de macacão amarelo conduziam trens de bagagem que serpeavam em torno dos aviões, criando lufadas rodopiantes de neve com o cano de descarga. Perto de mim, um piloto cansado sentou na mala de couro surrada das viagens, com o quepe na mão – na certa, torcendo pela última chance de dar um pulo em casa e passar a noite na própria cama.

A oeste, as nuvens cobriam a pista; visibilidade próxima de zero, mas, conforme o vento, melhorava ou piorava. Intervalos de esperança. O aeroporto de Salt Lake City é rodeado por montanhas. A leste, as de picos nevados se erguem acima das nuvens. Faz muito tempo que as montanhas me atraem. Por um instante, fiquei pensando no que haveria do outro lado.

Meu voo tinha a partida prevista para 18h07, mas, dados os atrasos, começava a parecer o corujão. Se é que haveria voo noturno. Irritado com o piscar da sinalização de ATRASADO, mudei-me para um canto distante do saguão e me sentei encostado numa parede. Espalhei no colo alguns arquivos de pacientes e comecei a ditar meus laudos, diagnósticos e receitas num gravador digital. Gente que eu havia examinado na semana anterior à viagem. Embora eu também tratasse de adultos, quase todos os arquivos no meu colo eram de crianças. Anos antes, Rachel, minha mulher, tinha me convencido a me concentrar na medicina esportiva para crianças. Ela estava certa. Eu detestava vê-las chegar mancando, mas adorava vê-las ir embora correndo.

Ainda havia mais algum trabalho a fazer, mas o indicador da pilha do gravador digital começou a piscar sua luz vermelha, por isso fui a uma loja

do terminal, onde descobri que podia comprar duas pilhas AA por 4 dólares ou doze por 7. Dei 7 dólares à moça, substituí as pilhas do gravador e guardei as outras dez na mochila.

Eu havia acabado de voltar de um congresso em Colorado Springs, onde fora convidado a participar de uma mesa sobre “A interseção da ortopedia pediátrica com a medicina de emergência”. Discutimos procedimentos de pronto-socorro e as diferentes condutas médicas necessárias no tratamento de crianças sob impacto emocional. O lugar era bonito, a conferência satisfizera várias das minhas necessidades educacionais e, o mais importante, tinha me dado um pretexto para passar quatro dias fazendo escaladas nos picos Collegiate, perto de Buena Vista, no Colorado. Na verdade, tinha sido uma viagem de trabalho que satisfizera meu vício em caminhadas. Muitos médicos compram Porsches e mansões enormes ou títulos de clubes que raramente frequentam. Eu dou longas corridas na praia e escalo montanhas, quando a ocasião permite.

Havia passado uma semana fora.

A viagem de volta me levava de Colorado Springs a Salt Lake City, para pegar o voo direto para casa. As viagens aéreas nunca deixam de me assombrar: voar na direção oeste para acabar na leste. A massa humana do aeroporto tinha se reduzido. Sendo domingo, quase todo mundo estaria em casa àquela hora. Os que permaneciam ali se postavam diante dos portões de embarque, esperando, ou no bar, debruçados sobre uma cerveja e uma cestinha de *nachos* ou de asas de frango ao molho picante.

Foi o andar dela que me chamou a atenção. Pernas longas, esguias; passadas firmes, porém graciosas e ritmadas. Ar confiante, à vontade consigo mesma. Devia ter 1,75 metro ou um pouco mais, cabelo escuro, e era bonita, mas sem muita preocupação com isso. Trinta anos, talvez. Cabelo curto. Pense em Winona Ryder em *Garota, interrompida*. Ou em Julia Ormond na refilmagem de *Sabrina* com Harrison Ford. Nada de espalhafato, mas aquele mesmo estilo podia ser encontrado em Manhattan, em garotas que gastavam muito dinheiro para ter aquela aparência. Minha aposta era que essa gastara pouco. Ou talvez houvesse gastado muito para dar a impressão de haver gastado pouco.

Ela veio andando, deu uma olhada na aglomeração do terminal. Observei-a pelo canto do olho. Terninho escuro, pasta de couro e uma sacola de mão. Parecia estar voltando de uma viagem de um dia a negócios. Ela escolheu um lugar no chão, a uns três ou quatro metros de mim. Arriou a bagagem,



calçou um par de tênis Nike e então, com mais uma espiada no terminal, sentou-se no chão e se alongou. Considerando que ela não encostou só a cabeça nas pernas e no chão entre elas, mas também o peito e a barriga, deduzi que ela já tinha feito aquilo antes. Eram pernas musculosas, como as de uma professora de aeróbica. Depois de alguns minutos de alongamento, ela tirou da pasta vários blocos amarelos, folheou páginas de notas manuscritas e começou a digitar no laptop. Os dedos se moviam à velocidade das asas de um beija-flor.

Passados alguns minutos, o laptop fez um bipe. Ela franziu o cenho, prendeu o lápis entre os dentes e começou a examinar a parede em busca de uma tomada elétrica. Eu estava usando metade de uma tomada dupla.

- Posso dividir? – perguntou ela, segurando a ponta do cabo do laptop.
- É claro.

Ela ligou o cabo e se sentou no chão com o computador, de pernas cruzadas, cercada por seus blocos. Continuei com meus arquivos.

– Revisão da consulta ortopédica de... – Examinei a agenda, tentando encontrar a data. –... 23 de janeiro. Aqui fala o Dr. Ben Payne. O nome da paciente é Rebecca Peterson, com os seguintes dados de identificação. Data de nascimento: 6 de julho de 1995; registro médico código BMC2453, sexo feminino, branca, brilhante ponta-direita do seu time de futebol, maior goleadora da Flórida, visada por times do país inteiro, com quatorze convites da Série A na última contagem; cirurgia há três semanas, pós-operatório normal, sem apresentar complicações, seguido por fisioterapia intensiva; apresenta extensão completa dos movimentos; teste de flexão: 127 graus; o teste de força mostra melhora acentuada, assim como o de agilidade. A paciente está nova em folha, ou, nas palavras dela, melhor do que antes. Rebecca informa não sentir dor com a movimentação e está liberada para retomar todas as atividades... menos andar de skate. Deve ficar longe dele pelo menos até completar 35 anos.

Passei ao arquivo seguinte:

– Consulta ortopédica inicial em 23 de janeiro. Aqui fala o Dr. Ben Payne. Sempre digo a mesma coisa porque, no mundo eletrônico em que vivemos, cada gravação é separada e, caso se perca, precisa ser identificada.

– O nome do paciente é Rasheed Smith, com os seguintes dados de identificação. Data de nascimento: 19 de fevereiro de 1979; registro médico código BMC17437, sexo masculino, negro, jogador iniciante na defesa dos Jacksonville Jaguars e um dos seres humanos mais velozes que já vi. A ressonância

magnética confirma que não há ruptura do ligamento cruzado anterior nem do ligamento colateral medial. Recomendar fisioterapia intensiva e que ele fique longe da quadra de basquete da Associação Cristã de Moços enquanto for jogador de futebol americano profissional. Amplitude limitada do movimento, em decorrência de dor e sensibilidade, que deverão ceder com a terapia antes do início da próxima temporada. Poderá retomar treinos limitados de força e velocidade com a cessação da dor. Marcar consulta de acompanhamento para daqui a duas semanas e ligar para a ACM, mandando cancelarem sua carteira de sócio.

Guardei os arquivos na mochila e notei que ela estava rindo.

– Você é médico?

– Cirurgião. – Levantei os envelopes pardos: – Pacientes da semana passada.

– Você conhece mesmo os seus pacientes, não é? – Ela encolheu os ombros. – Desculpe, não pude deixar de ouvir.

Acenei que sim com a cabeça.

– Foi uma coisa que minha mulher me ensinou.

– O quê?

– Que as pessoas são mais que a soma da pressão arterial com o pulso, dividida pelo índice de massa corporal.

Ela tornou a rir.

– Você é meu tipo de médico.

Indiquei seus blocos com um meneio da cabeça.

– E você?

– Colunista. – Indicou com um gesto os papéis à sua frente. – Escrevo para revistas femininas.

– Cobrindo que tipo de assunto?

– Moda, tendências, muito humor ou sátira, alguma coisa sobre relacionamentos. Não sou de todo desconhecida, mas não trabalho com fofocas.

– Eu sou um zero à esquerda para escrever. Quantas matérias você escreve por ano?

Ela pendeu a cabeça para um lado, depois para o outro.

– Quarenta, talvez cinquenta. – Deu uma olhadela no meu gravador. – Quase todos os médicos que conheço detestam essas coisas.

Girei-o na mão.

– É raro eu ficar sem ele.

– Tipo o estetoscópio?

- Mais ou menos – respondi rindo.
- Demora muito para se habituar?
- Fui gostando dele aos poucos. Agora, não saberia viver sem ele.
- Parece que isso daria uma boa história.

- Foi Rachel... minha esposa, ela que me deu o gravador. Eu ia me mudar para Jacksonville. Levar nossa vida de volta para casa. Me juntar à equipe do hospital. Ela ficou com medo dos horários de trabalho. Medo de se descobrir no sofá como viúva de médico, com um balde de sorvete no colo, assistindo ao canal religioso. Isto aqui... era um jeito de ouvirmos o som da voz um do outro, de estarmos juntos, de não perdermos as pequenas coisas... entre as cirurgias, a ronda dos pacientes e o meu bipe tocando às duas da manhã. Ela ficava com o gravador um dia, ou coisa assim, dizia o que estava pensando... ou sentindo, e passava o bastão. Eu ficava com ele um ou dois dias, talvez três, e o passava de volta.

- Um celular não faria a mesma coisa?

Encolhi os ombros.

- É diferente. Procure experimentar, um dia desses, e você vai entender o que estou dizendo.

- Há quanto tempo você é casado?

- Nós nos casamos... vai fazer 15 anos esta semana. – Olhei de relance para as mãos dela. Um anel de diamante solitário. Não havia aliança. – O seu está chegando?

Ela não conseguiu controlar o sorriso.

- Estou tentando chegar em casa para o jantar de ensaio da cerimônia, amanhã à noite.

- Parabéns!

Ela abanou a cabeça e sorriu, olhando para as pessoas aglomeradas.

- Tenho um milhão de coisas para fazer e estou aqui, anotando uma matéria sobre um modismo passageiro de que nem gosto.

Assenti com a cabeça.

- Você deve ser boa escritora.

Um dar de ombros.

- Têm me dado espaço. Dizem que tem gente que compra essas revistas só para ler minha coluna, mas nunca conheci alguém que fizesse isso.

Ela tinha um magnetismo encantador.

- Você ainda mora em Jacksonville? – perguntou.

- Moro. E você?

– Atlanta – respondeu, e me entregou seu cartão. ASHLEY KNOX.

– Ashley.

– Para todo mundo, menos para meu pai, que me chama de Asher. Ele queria um menino, ficou zangado com a mamãe quando apareci com o equipamento errado, ou sem equipamento, e por isso mudou o final do nome. Em vez de balé e softbol, me levou para o tae kwon do.

– Deixe ver se eu adivinho... você faz parte daqueles malucos capazes de acertar coisas no alto da cabeça dos outros com um chute.

Ela fez que sim.

– O que explica o alongamento e aquele negócio de encostar o peito no chão.

Ashley tornou a assentir com a cabeça, como se não precisasse me impressionar.

– Que grau?

Ela levantou três dedos.

– Operei um sujeito há algumas semanas, pus umas hastes e parafusos na canela dele.

– O que ele tinha feito?

– Deu um chute no adversário, que o bloqueou com o cotovelo. A canela continuou indo. Ficou meio dobrada no sentido inverso.

– Já vi isso.

– Você fala como quem já entrou na faca.

– Competi muito na adolescência e nos meus 20 e poucos anos. Campeonatos nacionais. Vários países. Quebrei minha quota de ossos e articulações. Houve época em que o telefone do meu ortopedista em Atlanta ficava na minha discagem rápida. E então, essa sua viagem é a trabalho, a passeio ou as duas coisas?

– Estou voltando de um congresso. Participei de uma mesa e... – sorri – de quebra, fiz um pouco de escalada.

– Escalada?

– Montanhas.

– É isso que você faz quando não está cortando gente?

Dei uma risada.

– Tenho dois passatempos. Correr é um deles... foi assim que conheci Rachel. Começou no curso médio. É um hábito difícil de quebrar. Quando mudamos de volta para nossa cidade, compramos uma casa à beira-mar, para podermos correr na praia, acompanhando a maré. O segundo é esca-

lar montanhas, o que a gente começou a fazer quando frequentava a faculdade de medicina, em Denver. Bem, eu frequentava, ela mantinha minha sanidade. Mas, enfim, no Colorado há 54 picos com mais de 4.200 metros. Existe um clube não oficial da turma que já escalou todos. Nós começamos a explorá-los na época da faculdade.

– Quantos você escalou?

– Vinte. Acabei de acrescentar o monte Princeton: 4.327 metros. É um dos picos Collegiate.

Ashley pensou nisso por um momento.

– São mais de 4 quilômetros acima do nível do mar.

Fiz que sim.

– É, mas nem tanto a mais.

– Quanto tempo leva para escalar uma coisa dessas?

– Normalmente, um dia ou menos, mas, nesta época do ano, as condições climáticas tornam a subida, digamos – desloquei a cabeça para a frente e para trás –, um pouquinho mais árdua.

Ela riu.

– Você precisa de oxigênio?

– Não, mas a aclimatação ajuda.

– A montanha estava coberta de neve e gelo?

– Estava.

– E fazendo um frio de rachar, nevando e ventando que era uma loucura?

– Aposto que você é boa jornalista.

– Bem... estava?

– Em alguns momentos.

– E você subiu e desceu sem morrer?

Ri.

– É evidente.

Uma sobancelha se arqueou.

– Então você é um daqueles caras?

– Que caras?

– Do tipo “homem *versus* natureza selvagem”.

Balancei a cabeça.

– Guerreiro de fim de semana. Fico mais à vontade ao nível do mar.

Ashley correu os olhos pelas fileiras de pessoas.

– Sua mulher não veio com você?

– Não desta vez.

Meu estômago roncou. O aroma de uma pizzaria flutuou no ar pelo terminal. Levantei-me.

- Você pode dar uma olhada nas minhas coisas?
- É claro.
- Eu já volto.

Voltei com uma salada Caesar e uma pizza calabresa do tamanho de um prato, no exato momento em que o alto-falante anunciou:

- Pessoal, se embarcarmos depressa, talvez possamos fugir dessa tempestade. Não somos um número muito grande, portanto todos os passageiros de todas as zonas, por favor, queiram embarcar no Voo 1672 para Atlanta.

Os painéis eletrônicos de todos os oito portões à minha volta diziam ATRASADO. Rostos frustrados povoavam as cadeiras e paredes. Um casal de pais correu por toda a extensão do terminal, gritando com dois meninos que iam atrás deles, arrastando malas estampadas com personagens de *Guerra nas Estrelas* e empunhando sabres de luz feitos de plástico.

Peguei a mochila e a comida e fui atrás de outros sete passageiros – inclusive Ashley – em direção ao avião. Achei meu assento, prendi o cinto de segurança, as comissárias fizeram a verificação e começamos a dar marcha a ré. Foi o embarque mais rápido que eu já vi.

O avião parou e o piloto informou pelo alto-falante:

- Pessoal, estamos na fila para o descongelamento da pista e, se os caminhões chegarem aqui, talvez escapemos dessa tempestade. A propósito, há muito espaço na frente do avião. Na verdade, se você não está na primeira classe, a culpa é sua. Temos lugares para todos.

Todos se mudaram.

Fiquei com o único lugar restante, ao lado de Ashley. Ela levantou os olhos e sorriu, enquanto fechava o cinto de segurança.

- Acha que vamos sair daqui?
- Olhei pela janela.
- Duvido.
- Pessimista, é?
- Sou médico. Isto faz de mim um otimista com ideias realistas.
- Bem colocado.

Passamos trinta minutos sentados, enquanto as comissárias nos serviam praticamente tudo que pedimos. Tomei um suco de tomate temperado. Ashley bebeu um Cabernet.

O piloto voltou a falar. Seu tom não me animou.

– Minha gente... como vocês todos sabem, estávamos tentando escapar dessa tempestade.

Notei o verbo no pretérito.

– Os controladores da torre disseram que temos cerca de uma hora para decolar, antes que a tempestade chegue...

Os passageiros soltaram um suspiro coletivo. Talvez ainda houvesse esperança, afinal.

– Mas o pessoal de terra acabou de informar que um dos nossos dois caminhões de descongelamento está com defeito. O que significa que temos só um caminhão tentando atender a todos os aviões que estão na pista, e o nosso é o vigésimo da fila. Para encurtar, não sairemos daqui esta noite.

Os resmungos ecoaram por todo o avião.

Ashley abriu o cinto e comentou, balançando a cabeça:

– Só pode ser piada.

Um homem grandalhão à minha esquerda murmurou:

– Puta que p...

O piloto prosseguiu:

– Nosso pessoal vai recebê-los junto ao portão. Se quiserem um cupom de hotel, por favor falem com o Mark, que está de casaco vermelho e colete à prova de bala. Depois que tiverem retirado sua bagagem, nosso ônibus os levará ao hotel. Eu sinto muito mesmo, turma.

Caminhamos de volta para o terminal e observamos os avisos de ATRASADO serem substituídos pelos de CANCELADO.

Falei por todos os presentes no terminal:

– Isso não é bom.

Fui até o balcão. A atendente olhava fixo para uma tela de computador, balançando a cabeça. Antes que eu abrisse a boca, virou-se para a televisão, que estava sintonizada no canal da previsão do tempo.

– Lamento, não há nada que eu possa fazer.

Quatro telas acima dos meus ombros mostravam uma enorme mancha verde, que se deslocava no sentido leste-sudeste a partir de Washington, do Oregon e do norte da Califórnia. A legenda rotativa na parte inferior da tela falava de neve, gelo, temperaturas bem abaixo de zero e ventos gelados de até -20°C. Um casal à minha esquerda se abraçou num beijo apaixonado. Sorriente. Era só um dia não planejado que se somava a suas férias.

Mark começou a distribuir os vales para o hotel e a encaminhar as pessoas para o setor de retirada de bagagem. Eu tinha a bagagem de mão – uma mo-

chila pequena que também me servia de maleta – e também despachara uma mala. Gostando ou não, teríamos que retirar nossas bagagens.

Fui para lá e me perdi de Ashley quando ela parou para comprar um lanche. Encontrei um lugar perto da esteira rolante e olhei ao redor. Pelas portas corrediças de vidro vi as luzes do aeroporto particular, não muito longe dali. Na parede lateral do hangar mais próximo havia duas palavras pintadas em letras garrafais: VOOS FRETADOS.

As luzes de um dos hangares estavam acesas. Minha mala apareceu. Levantei-a sobre o ombro livre e esbarrei em Ashley, que aguardava sua bagagem.

– Você não estava brincando quando disse que tinha escalado um pouco nas horas vagas – comentou, avaliando minha mala. – Parece que vai escalar o Everest. Precisa mesmo disso tudo?

Minha bagagem era uma supermochila Osprey laranja de 70 litros, com uns bons quilômetros de rodagem. Eu a uso como mala porque funciona bem, mas sua função principal é nas excursões, e ela me serve como uma luva. Estava abarrotada com todo o meu equipamento de pernoite e caminhadas no frio, para minhas escaladas nos picos Collegiate. Saco de dormir, colchonete, fogareiro – talvez o equipamento menos valorizado e mais importante que possuo, ao lado do meu saco de dormir –, umas duas garrafas para água, algumas peças de roupa de polipropileno e várias outras miudezas que ajudam a me manter vivo e confortável quando durmo acima de 3 mil metros de altitude. Havia também um terno azul-escuro de risca de giz, uma bonita gravata azul que Rachel me deu e um par de sapatos sociais, que eu tinha usado uma vez, no congresso.

– Conheço minhas limitações e não fui feito para o Everest. Fico bem ruinzinho acima de 4.500 metros. Abaixo disso me sinto bem. Isto aqui – levantei a mochila – é só o essencial. Coisas que é bom ter por perto.

Ela avistou sua mala e se virou para tirá-la da esteira, mas antes tornou a virar para mim, com uma expressão sofrida no rosto. Aparentemente, a ideia de perder o casamento começava a ser absorvida e ia minando seu encanto. Ashley estendeu a mão. O aperto foi firme, porém caloroso.

– Foi ótimo conhecê-lo. Espero que você consiga chegar em casa.

– Sim, você...

Ela nem me ouviu. Deu meia-volta, pendurou a mala no ombro e partiu para a pista dos táxis, onde umas cem pessoas aguardavam em fila.



## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)